

**A CONSTITUIÇÃO DO *ETHOS* DO PROFESSOR DE EDUCAÇÃO BÁSICA: EM FOCO O DISCURSO DE AMANDA GURGEL**

**THE CONSTITUTION OF THE ETHOS OF BASIC EDUCATION TEACHER: FOCUS ON THE SPEECH OF AMANDA GURGEL**

Ananias Agostinho da Silva<sup>1</sup>

**Resumo:** *No presente artigo, pretendemos analisar o(s) ethos revelado(s) no discurso da professora de Educação Básica do Estado do Rio Grande do Norte, Amanda Gurgel, pronunciado em uma audiência pública na Assembleia Legislativa do Estado, considerando os seus possíveis interlocutores e as condições de produção do discurso. Para tanto, buscamos fundamento na Teoria da Argumentação no Discurso ou Nova Retórica, de Perelman e Tyteca (2005) e nos estudos de Charaudeau (2006) e Maingueneau (1993) sobre a noção de ethos político. Os resultados obtidos demonstram que a professora utiliza, especialmente, a estratégia argumentativa de provocação, marca principal de seu discurso, revelando vários ethos característicos de discursos políticos, tais como ethos de identificação, seriedade, humanidade e solidariedade, constituídos ao longo de todo o discurso.*

**Palavras-chave:** *Amanda Gurgel; Discurso político; Ethos; Professor de Educação Básica.*

**Abstract:** *In this article, we analyze (s) revealed ethos (s) in the speech of Professor of Basic Education of the State of Rio Grande do Norte, Amanda Gurgel, delivered at a public hearing in the State Legislature, considering their possible interlocutors and conditions of discourse production. To this end, we seek plea in Argumentation Theory in Discourse and New Rhetoric of Perelman and Tyteca (2005) and in studies of Charaudeau (2006) and Maingueneau (1993) on the notion of political ethos. The results show that the teacher uses mainly argumentative strategy of provocation, the main brand of his speech, revealing several distinctive ethos of political speeches, such as identification ethos, integrity, humanity and solidarity, made throughout speech.*

**Keywords:** *Amanda Gurgel; Political Discourse; Ethos; Professor of Basic Education.*

## **1 Introdução**

Em todo discurso, ao enunciar em uma dada situação comunicativa, o orador mobiliza mecanismos favoráveis à construção de uma imagem de si, que é moldada (reelaborada) por seus interlocutores. Essa imagem que o orador revela de si mesmo no discurso é denominada de *ethos*, compreendido por Meyer (2007, p. 34-35) como uma “uma excelência que não tem objeto próprio, mas se liga à pessoa, à imagem que o orador passa de si mesmo, e que o torna exemplar aos olhos do auditório”. Os *ethos* revelados no processo argumentativo pelos

---

<sup>1</sup> Doutorando em Estudos da Linguagem pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). Mestre em Letras pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN). Pau dos Ferros, Brasil, e-mail: [ananiasgpet@yahoo.com.br](mailto:ananiasgpet@yahoo.com.br).

oradores, ao defenderem suas teses, apresentam papel relevante no êxito das discussões e na defesa de pontos de vista em processos interacionais (SOUZA e COSTA, 2009).

Partindo desse pressuposto, no presente trabalho, temos como principal objetivo analisar o(s) *ethos* revelado(s) no discurso da professora de Educação Básica do Estado do Rio Grande do Norte, Amanda Gurgel, considerando os seus possíveis interlocutores e as condições de produção do discurso. Esta professora conseguiu destaque na imprensa (digital e impressa) de todo o país, ao falar, durante uma audiência pública, sobre a situação da educação no Estado. Pelo eco que encontrou, o discurso da professora parece retratar não somente a realidade de professores potiguares, mas também de educadores de todo o país, que enfrentam diariamente uma série de dificuldades – desde problemas com a aprendizagem dos alunos até os baixíssimos salários.

De modo mais específico, analisaremos as diferentes estratégias linguístico-discursivas utilizadas pela professora em seu discurso, atentando para os *ethos* revelados no processo de construção de sentidos. Essas estratégias decorrem da forma como o locutor gera as suas intervenções no debate e como manipula o seu discurso no sentido de construir imagens de si próprio e do público para quem se dirige. Considerando esse objetivo, o trabalho adota uma metodologia descritivo-interpretativa e um aporte teórico advindo da Nova Retórica (PERELMAN e TYTECA, 2006) e de estudos e pesquisas sobre retórica e argumentação no discurso (MEYER, 2007; REBOUL, 2000; SOUZA, 2008; SOUZA e COSTA, 2009). Além disso, para tratarmos especificamente sobre a noção de *ethos*, recorreremos aos estudos de Charaudeau (2006) e Maingueneau (1993).

## **2 A Teoria da Argumentação no Discurso**

As diferentes perspectivas teóricas que estudam as questões argumentativas da linguagem podem ser classificadas, atualmente, de modo geral, em duas vertentes: a Teoria da Argumentação na Língua (TAL<sup>2</sup>), que procura compreender como funciona a argumentação a partir de elementos linguísticos inerentes à estrutura da língua; e a Teoria da Argumentação no Discurso (TAD) ou Nova Retórica, que, segundo sugerem Souza e Costa (2009, p. 01), adota uma abordagem discursiva da argumentação, “uma vez que parte do princípio da interação entre os interlocutores do discurso, que é compreendido como uma instância social, discursiva e ideológica em que os sujeitos estão envolvidos”. É esta última perspectiva que

---

<sup>2</sup> Para maiores detalhes, ver Ducrot (1987, 1989).

norteará nossa investigação sobre o(s) *ethos* no discurso da professora de Educação Básica Amanda Gurgel.

Essa vertente dos estudos retórico-argumentativos – que tem como principais representantes Perelman e Tyteca (2005) – não se restringe mais à análise dos três grandes gêneros do discurso (judiciário, deliberativo e epidítico), mas, retomando pressupostos da Retórica aristotélica, tais como os conceitos de orador, auditório, dentre outros, aplica-os à funcionalidade de todo e qualquer discurso (SOUZA e COSTA, 2009). Conforme ainda sugere Souza (2008, p. 58), nesta abordagem discursiva, a argumentação não pode ser considerada como um fenômeno estritamente linguístico, mas como “uma ação humana, uma ação que implica o ato de convencer o outro sobre a validade de uma opinião defendida; uma ação que, para ser efetivada, necessita de uma interação entre o orador e um auditório, em situações reais de uso da linguagem”.

São, portanto, nestas situações reais de uso de linguagem que, ao interagir com seu interlocutor(es), recorrendo a argumentos para a defesa de uma tese (*logos*), o orador move com paixões de seu auditório (*pathos*) e constrói imagens de si (*ethos*), visando, principalmente, à credibilidade. Instaure-se, assim, o sistema retórico que organiza toda argumentação, constituído por uma tese, defendido por um orador a partir do uso de técnicas argumentativas, tendo em vista a persuasão de um auditório.

### **3 *Ethos* e discurso político**

O discurso político tem por finalidade a persuasão do outro, quer para que a sua opinião se imponha, quer para que os outros o admirem. Para isso, necessita da argumentação, que envolve o raciocínio e implica um espaço de visibilidade para que o cidadão imponha suas ideias, os seus valores e projetos, recorrendo à força persuasiva da palavra, de modo a instaurar um processo de sedução, através de recursos estéticos como certas construções, metáforas, imagens e jogos linguísticos.

Valendo-se da argumentação, o orador fundamenta-se em decisões sobre o futuro, prometendo o que pode ser feito. Em outros termos, no discurso político, a argumentação é uma constante, que apresenta-se de forma bastante acentuada. Para Charaudeau (2006), isso ocorre porque o político tem, em seu discurso, a finalidade principal de persuadir o eleitor através de argumentos bem analisados e preparados, mostrando que seu ponto de vista é

coerente e que ele é o mais indicado entre seus concorrentes para assumir determinado cargo político.

Nesse sentido, o discurso político é um texto fortemente persuasivo, que geralmente se apresenta como uma voz coletiva, utilizada por um sujeito para se sobressair, se destacar como líder daquele grupo, oferecendo uma proposta melhor para o futuro. O discurso político se adéqua à situação em que se encontram os seus ouvintes, e para isso o sujeito utiliza de certos artifícios para desenvolver o seu discurso, tais como o poder de argumentar, a oratória bem desenvolvida e bem raciocinada para seduzir os ouvintes e dessa forma atingir os seus objetivos (OSAKABE, 1999).

Além da argumentação, existem outras estratégias que podem ser utilizadas pelos políticos para garantir os seus objetivos. A emoção, por exemplo, é um dos principais elementos utilizados por eles. A esse respeito, Charaudeau (2006, p. 81), afirma que “[...] não se pode descartar os sentimentos em nenhum processo linguageiro que tenda a influenciar o interlocutor [...]”, pois é por meio deles que o político tenta envolver os interlocutores, utilizando palavras que passam a sensação de conforto, firmeza e esperança de um futuro melhor.

Charaudeau (2006) ainda afirma ser necessário que o político saiba inspirar confiança e admiração, ‘aderindo’ à imagem ideal do chefe que se encontra instituída no imaginário coletivo dos sentimentos e emoções. Para este autor, as estratégias discursivas que o político pode utilizar para conquistar a simpatia de seus eleitores (*pathos*) dependem de vários fatores, como sua identidade social, o modo como percebe a opinião pública e a posição dos outros atores políticos, dentre outros. O político deve perceber se a opinião pública lhe é favorável, desfavorável ou incerta, devendo adaptar seus discursos aos vários tipos de público, utilizando as estratégias disponíveis para fazer com que o maior número de pessoas se junte a suas ideias (CHARAUDEAU, 2006).

Desse modo, ao produzir seus discursos, o político constrói explicita ou implicitamente uma imagem de si (*ethos*), com o objetivo de conseguir a confiança e a credibilidade do outro. Além disso, como ressalta Amossy (2008, p. 09), “todo ato de tomar a palavra implica a construção de uma imagem de si”, que é marcada não pelo autorretrato ou detalhe das qualidades do locutor, mas pelo seu estilo, suas crenças, enfim, pelas suas marcas ideológicas. Portanto, deliberadamente ou não, o locutor efetua em seu discurso uma imagem de si.

Esta apresentação de si que o locutor realiza quando produz discursos não se limita a uma técnica apreendida, a um artifício, mas se efetua, frequentemente, à revelia dos parceiros, nas trocas verbais mais corriqueiras ou em interações verbais mais institucionalizadas (AMOSSY, 2008). É justamente por isso que, para esta autora, o *pathos* influencia diretamente na constituição do *ethos*, pois dizer que os participantes interagem é supor que a imagem de si no discurso é construída a partir da influência que exercem um sobre o outro. Portanto, a imagem do sujeito que enuncia o discurso não deve ser definida como algo demarcado, mas se define de acordo com a dinâmica presente no processo de enunciação.

A esse respeito, Costa e Souza (2009) ressaltam que o *ethos* já não se limita àquele que fala pessoalmente, nem tampouco a um autor de texto, mas se apresenta de maneira geral como aquele com quem o auditório se identifica e, em última instância, a todos os interlocutores envolvidos no processo de interação verbal. Nesse sentido, como defende Meyer (2007), o *ethos* é uma excelência que não tem objeto próprio, mas se liga à pessoa, à imagem que o orador passa de si mesmo e que o torna exemplar aos olhos do auditório, que, então, se dispõe a ouvi-lo e a segui-lo.

Especificamente no discurso político – e em outros discursos, é claro – segundo Charaudeau (2006, p. 115), o *ethos* está relacionado à constituição das imagens de si e de como se processa essa construção, ou seja, “o *ethos* é como um espelho no qual se refletem os desejos uns dos outros”, uma identidade discursiva que pode se manifestar com inúmeras “máscaras”, de distintos caracteres do enunciador visto globalmente, já que a sociedade constituirá um dos olhares sobre o *ethos* do enunciador.

Este autor afirma que há vários tipos de *ethos*, que podem ser identificados de acordo com o posicionamento e a posição de quem profere o discurso e com o contexto onde estão inseridos os participantes deste discurso. No quadro abaixo, elencamos os tipos de *ethos* apresentados por esse autor:

<b>ETHOS</b>	<b>DEFINIÇÃO</b>
<i>Ethos</i> de Credibilidade	Refere-se à credibilidade do sujeito produtor do discurso, que não corresponde à identidade social do sujeito, mas sim à construção de uma identidade discursiva.
<i>Ethos</i> da seriedade	Exige do sujeito enunciador firmeza e segurança no que diz, demonstrando a seriedade do que é dito
<i>Ethos</i> de virtude	Refere-se à sinceridade e à fidelidade construídas pelo político ao longo de sua trajetória de vida
<i>Ethos</i> de competência	O enunciador se apresenta como capaz para assumir determinada atividade a que se propôs

---

<i>Ethos</i> de identificação	O político coloca-se em posição de equidade com o auditório para tentar convencê-lo
<i>Ethos</i> de humanidade	O sujeito enunciador aparece como alguém que se solidariza com a necessidade do outro
<i>Ethos</i> referente à imagem de chefe	Direciona-se especificamente ao auditório do político.
<i>Ethos</i> de solidariedade	Além de compreender as necessidades dos outros, o político surge como aquele que será responsável pelo fim das mesmas.

Quadro 01: *Ethos*

Fonte: Tabela elaborada pelo o autor do texto com base em definições de Charaudeau (1996)

Esses *ethos* podem ser facilmente distinguidos em nível teórico, mas, no discurso, eles imbricam-se para constituir a imagem do sujeito enunciador, de modo que a tarefa de distingui-los torna-se extremamente complexa. Vale ressaltar, como destaca Charaudeau (2006), que, no que diz respeito à presença desses *ethos* no discurso político, o sujeito não precisa ser efetivamente sincero no que diz, basta apenas parecer como tal, até porque o discurso político é permeado por diversas máscaras. Além disso, outros tipos de *ethos* podem ser revelados, dependendo das estratégias argumentativas empregadas pelo orador – inclusive *ethos* não especificamente característicos do discurso político.

Portanto, analisar a constituição do *ethos* discursivo de determinado sujeito não é uma atividade simples, pois no momento em que profere seu discurso, esse sujeito enunciador constrói diversas imagens que dialogam com seu auditório, como meio de incentivá-lo e persuadi-lo a determinada tese exposta. Essas imagens são construídas – consciente ou inconscientemente – através de marcas ideológicas do sujeito que aparecem em seu discurso. E são justamente essas marcas que nos permitem verificar a constituição do *ethos* deste sujeito.

#### 4 O discurso de Amanda Gurgel: “O cuscuz alegado”

Amanda Gurgel, professora de português da rede de educação pública do Estado do Rio Grande do Norte, quase se transformou em uma "celebridade" na *internet* – e posteriormente na mídia televisiva e impressa – depois que um vídeo com seu discurso na Assembleia Legislativa do Estado, gravado em uma audiência pública no dia dez de maio de dois mil e onze, foi postado na rede. No seu pronunciamento, Amanda Gurgel falou sobre as dificuldades dos professores no dia a dia – em sala de aula e fora dela – e sobre o tratamento secundário dado pelos governos ao longo dos últimos anos à educação. A forma como a

professora argumentou em defesa dos professores teve ampla repercussão nas redes sociais da *internet*, sendo noticiada nos mais renomados jornais do país.

Inserida repentinamente no turbilhão das redes sociais da *internet*, Amanda Gurgel afirmou não participar de nenhuma delas e disse estar surpresa com toda a repercussão, porque o seu discurso não trazia nada de novo, mas apenas uma síntese dos discursos produzidos por vários professores brasileiros cotidianamente em reuniões escolares ou mesmo em assembléias legislativas. Na verdade, o que a professora parece fazer é assumir a voz dos seus colegas de trabalho, ecoada nos mais diversos meios de comunicação do país como forma de divulgar e buscar soluções para os problemas da educação brasileira.

Entretanto, o discurso de Amanda Gurgel não é tão parcial quanto aparenta, principalmente se acreditarmos que nenhum discurso é neutro. A preferência da professora por um lado "político" esquerdista, exposto no vídeo que circulou na *internet*, vem do seu envolvimento com o movimento sindical dos trabalhadores da educação e da filiação ao Partido Socialista dos Trabalhadores Unificados (PSTU). Ela participou ativamente do movimento grevista por parte dos professores, que se estendeu por quase um trimestre do ano de dois mil e onze e defende a mobilização como forma de diminuir as dificuldades da categoria e dar mais qualidade à educação básica no país. Amanda Gurgel viu a rápida difusão do vídeo com ressalvas. Na entrevista que concedeu a um jornal potiguar, ela fez reiterados pedidos para que o "discurso político" e "a situação dos professores" tivessem mais peso na publicação do que a sua própria imagem:

Queria focar no discurso político, porque eu não tenho o menor interesse de focar na minha imagem. (...) O mais importante na minha fala, que foi transformada em vídeo, e nessa repercussão toda que está tendo, é que isso reflete uma situação existente há muito tempo na nossa categoria. Quem é professor há 20 ou 30 anos conhece o processo de degeneração pelo qual as escolas vêm passando. Isso é o principal e não a minha imagem ou até mesmo as minhas palavras, mas a situação.

No discurso proferido especificamente para os deputados estaduais do Estado, a professora criticou diretamente a política educacional do governo e fez um apelo aos deputados potiguares: "Parem de associar qualidade de educação com professor dentro de sala de aula. Porque não tem condição de ter qualidade em educação com professores tendo de multiplicar o que ganha trabalhando em três horários em sala de aula". Após mostrar o contracheque e "exaltar" seu salário, Amanda declarou que apenas quem está em sala de aula e pega três ônibus por dia para chegar ao seu local de trabalho (escola) é que pode falar com

propriedade sobre a questão. “Fora isso, qualquer colocação que seja feita aqui é apenas para mascarar uma verdade: em nenhum governo, em nenhum momento a educação foi uma prioridade”.

Ela ainda reclamou da forma como os governos relevam na mídia a situação dos professores de escolas públicas e o discurso de que cabe à categoria trabalhar pela melhoria do ensino no país. “Estão me colocando dentro de uma sala de aula com um giz e um quadro para salvar o Brasil? Salas de aulas superlotadas com alunos entrando com carteira na cabeça porque não têm carteiras nas salas. Sou eu a redentora do país?”

Conforme circulou em comentários de vários *blogs* e colunas na *internet*, a professora Amanda Gurgel expôs com muita tranquilidade e precisão o estado caótico em que se encontra a educação pública no Estado e em todo país. Na prática, Amanda expressou um sentimento que começa a tomar corpo de norte a sul do Brasil, qual seja, de que não é mais possível conviver com estabelecimentos de ensino sucateados, profissionais da educação e alunos sendo marginalizados e tratados como figuras de quinta categoria, enquanto governos de plantão continuam com o surrado e oco discurso de que “*é preciso ter paciência para que os problemas sejam resolvidos*”.

Amanda denunciou, inclusive, que até o cuscuz que os docentes comem nas escolas, oriundo da merenda escolar, é alegado. A promotoria do Rio Grande do Norte alertou que a merenda é para os alunos. Assim, nessa visão, qualquer professor que, porventura, venha a ingeri-lo pode estar cometendo um crime. Após a repercussão do discurso, os professores da rede pública de educação do Estado, resolveram aliar a folia às reivindicações da classe. A maneira que eles encontraram para isso foi distribuir cuscuz no meio da rua com o bloco Cuscuz Alegado, encabeçado pela professora Amanda Gurgel, que se tornou símbolo nacional na luta pelos direitos dos educadores.

## **5 O(s) *ethos* de Amanda Gurgel**

Partimos da assertiva de que todo ato de *tomar a palavra* implica a construção de uma *imagem de si* por parte do sujeito que fala (AMOSSY, 2008). Assim sendo, nosso interesse, nesse texto, é identificar e analisar o(s) *ethos* da professora Amanda Gurgel, revelados em seu discurso proferido na Assembleia Legislativa do Rio Grande do Norte.



Posicionando-se em defesa de seus colegas de trabalho, a professora argumenta de diversas formas, tentando convencer o público sobre a veracidade de sua fala. Para tanto, ela constrói imagens diversas de sua pessoa, como estratégia argumentativa de persuasão. Logo no início do discurso, quando saúda os presentes, Amanda Gurgel já parece construir uma imagem de si.

*Bom dia a todas e todos, durante cada fala aqui eu pensava como organizar a minha fala. São tantas questões aqui colocadas e angústias do dia a dia de quem está em sala de aula e quem está em escola, eu queria pelo menos sintetizar minimamente essas angústias.*<sup>3</sup>

Nesse fragmento, logo em sua saudação inicial, a professora já procura construir um ambiente de intimidade com o seu auditório – que, em primeira instância seria constituído apenas pelos parlamentares, mas, de um modo geral, é composto por todos os professores potiguaros (e outros profissionais do país), considerando que o discurso foi veiculado em um canal de televisão aberta. Além disso, ela recorre ao *ethos* de identificação, colocando-se em posição de equidade, de semelhança com o seu auditório para, assim, tentar persuadi-lo, admitindo ter as mesmas necessidades, anseios e perspectivas. Acompanhando Charaudeau (2006), podemos dizer que a professora apresenta-se como alguém que sabe realmente o que os demais necessitam, fazendo com que estes se identifiquem com ela.

Assim sendo, apenas “quem está em sala de aula e quem está em escola” – os professores e, conseqüentemente, a própria Amanda Gurgel – é que poderia falar *minimamente* sobre os problemas encontrados no cotidiano dos profissionais de educação. Portanto, enquanto professora, ela se apresenta como alguém que está autorizada a falar sobre a questão, de maneira que se o discurso da professora tivesse sido proferido por outro profissional, como um parlamentar, por exemplo, possivelmente, não haveria tido a mesma repercussão e nem provocado os mesmos efeitos de sentido. Tal afirmação pode ainda ser constatada no fragmento seguinte:

*(...) porque só quem está em sala de aula, só quem está pegando três ônibus por dia pra chegar ao seu local de trabalho, ônibus precário inclusive, é que pode falar com propriedade sobre isso. Fora isso qualquer colocação que seja feita aqui, qualquer consideração que seja feita aqui é apenas para mascarar uma verdade, que é uma verdade visível a todo mundo, que é o fato de que em nenhum governo, em nenhum governo que nós tivemos no nosso Estado (Rio Grande do Norte), na nossa cidade, no nosso país a educação foi uma prioridade. Em nenhum momento. Então me preocupa muitíssimo a fala da maioria aqui, inclusive da secretária Betânia Ramalho,*

---

<sup>3</sup> A transcrição do discurso da professora Amanda Gurgel foi realizada pelos autores do texto, a partir de vídeos veiculados na rede.

*com todo respeito, que é: “não vamos falar da situação precária porque isso todo mundo já sabe”.*

Mais uma vez, Amanda Gurgel recorre ao *ethos* de identificação, para colocar-se no lugar dos professores brasileiros e ressaltar seus problemas (de ordens diversas), angústias e anseios. Para ela, somente um professor, que vive essa rotina, a conhece perfeitamente para poder falar com propriedade sobre o assunto. “Fora isso qualquer colocação que seja feita aqui, qualquer consideração que seja feita aqui é apenas para mascarar uma verdade”. Verdade conhecida e revelada por quem está em sala de aula, mas encoberta e dissimulada pelos políticos brasileiros, que, segundo a professora, em momento algum na história de *nosso município, nosso estado e nosso país* preocuparam-se realmente com a educação. Ao recorrer à noção de verdade, Amanda Gurgel inspira credibilidade por ser bastante verossímil e presumir confiança, pois, como defende Reboul (2000, p. 174), “a verdade é a crença que nos presta serviço”.

Além disso, quando faz referência à *verdade* que sempre esteve omitida pelos políticos do país, a professora assume o *ethos* de seriedade, demonstrando firmeza e segurança no que diz. Em oposição, provoca e critica diretamente os políticos brasileiros (a nossa classe política), representados em sua fala pela secretária Betânia Ramalho – que, na fala da professora, prefere *mascarar* a verdade: “não vamos falar da situação precária porque isso todo mundo já sabe” – revelando para estes um *ethos* inverso ao seu, qual seja de falsidade, infidelidade. Assim, a dinâmica da argumentação de Amanda Gurgel consiste em construir a imagem de alguém realmente preocupado com a educação do país e que tem “coragem” para denunciar o descaso com a educação brasileira, revelando, portanto, a “verdadeira” face dos nossos dirigentes.

A provocação parece ser uma estratégia argumentativa que permeia todo o discurso da professora, como é perceptível no fragmento a seguir:

*Como assim não vamos falar da situação precária. Gente! Nós estamos banalizando isso daí, estamos aceitando a condição precária da educação como uma fatalidade. Estão me colocando dentro da sala de aula com um giz e um quadro pra salvar o Brasil? É isso? Salas de aulas super lotadas com os alunos entrando a cada momento com uma carteira na cabeça, porque não tem carteira nas salas. Sou eu a redentora do país? Não posso, não tenho condições. Muito menos com o salário que eu recebo!*

Mesmo não realizando uma referência direta (mostrada), o fragmento acima é uma resposta à fala da secretária de educação do Estado, Betânia Ramalho, quando pediu aos

professores para não falarem sobre os problemas educacionais no Rio Grande do Norte, mas sim focalizar propostas voltadas para resolução da greve trabalhista em que se encontravam os servidores naquele período. Amanda Gurgel questiona a posição da secretária (“Como assim não vamos falar da situação precária”), argumentando em favor da necessidade de se discutir a *condição precária da educação* e de não compreendê-la como simples *fatalidade*. Para isso, a professora recorre, mais uma vez, a situações-exemplos de seu cotidiano (e da maioria dos professores de escola pública brasileira), provocando uma reflexão sobre seu papel (e de seus colegas) enquanto profissional na sala de aula: “Sou eu a redentora do país?”.

A professora revela, assim, a partir do que propõe Charaudeau (2006), um *ethos* de caráter e de virtude, porque se mostra indignada com o cenário da educação do Estado e reconhece que não pode solucionar os problemas que lhes são impostas: “*Não posso, não tenho condições*”. Entretanto, não assume a culpa nem a responsabilidade pela existência de tais problemas. Antes, Amanda Gurgel esclarece que a solução para as dificuldades encontradas no cotidiano dos professores não está simplesmente na melhoria de condições estruturais das escolas, mas dizem respeito, especialmente, aos governantes, que, no dizer da professora, parecem não estar interessados em resolvê-las em curto prazo, conforme se pode verificar no seguinte fragmento:

*A secretária disse ainda: “que nós não podemos ser imediatistas, ver apenas a condição imediata, precisamos pensar a longo prazo”, mas minha necessidade de alimentação é imediata, a minha necessidade de transporte é imediata, a necessidade de Jéssica de ter uma educação de qualidade é imediata.*  
(...)

*Não é pra andar com bolsa de marca ou usar perfume Francês é pra ter condição de pagar a alimentação dos seus filhos, é pra poder pagar a prestação de um carro, que muitas vezes eles compram pra poder se locomover mais rapidamente de uma escola e outra. E eles precisam escolher o dia em que vão andar de carro porque não tem condição de comprar o combustível.*

A professora recorre a argumentos baseados na estrutura do real, principalmente argumentos pelo exemplo, – nos termos de Perelman e Tyteca (1996) – para discordar e rebater o discurso da secretária, destacando a necessidade imediata de se discutir e se resolver os problemas da educação potiguar (e brasileira, porque sua fala, como já explicitado, parece dirigir-se a todos os professores do país). É interessante destacar a aparente hierarquia de valores presente na argumentação da professora: ela destaca, primeiro, necessidades básicas do ser humano (alimentação) e o direito de crianças e adolescentes brasileiros (representados

por Jéssica) *de ter uma educação de qualidade* e secundariza aspectos não essenciais à vida, como *bolsa de marca* ou *perfume francês*. Assim, ela constrói um *ethos* de humanidade, porque aparece não apenas como alguém que está interessado em resolver problemas particulares, individualizados, mas se solidariza com a necessidade do outro, no caso, seus colegas de profissão (que também é sua necessidade, porque ela se inclui nesse grupo) e, principalmente, seus alunos.

Dirigindo-se diretamente aos deputados presentes na assembleia, Amanda Gurgel começa a fazer apelos solicitando providências para a questão:

*Eu gostaria de pedir aos senhores, inclusive, que se libertem dessa concepção errônea, extremamente equivocada, isso eu digo com propriedade, sou eu que estou lá, inclusive além, propriedade maior até que os grandes estudiosos. Parem de associar qualidade de ensino da educação com o professor dentro da sala de aula, parem de associar isso daí. Porque não tem como você ter qualidade em educação com professores três horários dentro de sala de aula. Porque é assim que os professores multiplicam os 930. 930 de manhã, 930 à tarde e 930 à noite pra poder sobreviver.*

(...)

*Diga-se de passagem, nós não temos recurso para nos alimentar diariamente fora de casa, não temos pra isso.*

No fragmento acima, a professora utiliza termos formais, de uma linguagem técnica (*concepção errônea, extremamente equivocada*), para mostrar que os seus conhecimentos sobre os problemas da educação no país não estão relacionados apenas às questões práticas. Ela constrói, assim, um *ethos* de inteligência, porque tem propriedade para falar sobre tais assuntos, inclusive mais do que *grandes estudiosos*, porque é ela quem está *lá*.

O *ethos* de inteligência é construído no dizer e é responsável por provocar a admiração e o respeito dos ouvintes pelo sujeito que demonstra possuí-lo. Charaudeau (2006) defende que o *ethos* de inteligência é percebido em função do que se pode apreender do comportamento do indivíduo em sua vida privada, e não apenas diante da maneira como ele se porta e pronuncia nos acontecimentos políticos. Por isso, Amanda Gurgel recorre a fatos de seu cotidiano, empregados aqui como argumentos que sustentam seu dizer e permitem-lhe construir tal imagem, como se pode perceber nos seguintes trechos: “*é assim que os professores multiplicam os 930. 930 de manhã, 930 à tarde e 930 à noite pra poder sobreviver*” e “*nós não temos recurso para nos alimentar diariamente fora de casa, não temos pra isso*”.

Em tom de conclusão, Amanda Gurgel finaliza seu discurso com a seguinte fala:

*São muitas questões mais complexas, questões muito complexas que poderiam ser colocadas aqui, mas infelizmente o tempo é curto e eu gostaria de solicitar isso em nome dos meus colegas que comem o cuscuz alegado, em nome dos meus colegas que pegam três ônibus pra chegarem ao seu local de trabalho, em nome de Jéssica que está sem assistir aula nesse momento, mas que fica sem assistir aula por muitos outros motivos: por falta de professor, por falta de merenda... É isso que eu quero dizer...*

Mais uma vez, a professora procura se identificar e se solidarizar com os problemas de seus colegas (que também são os seus, como já enfatizado), constituído, assim, um *ethos* de identificação e de solidariedade: “em nome dos meus colegas que comem o cuscuz alegado, em nome dos meus colegas que pegam três ônibus pra chegarem ao seu local de trabalho, em nome de Jéssica que está sem assistir aula nesse momento”. O emprego da expressão *em nome de* permite a professora colocar-se ou assumir o lugar daqueles que são citados, com o objetivo de demonstrar uma relação de igualdade entre ambos. Ademais, além de compreender as necessidades dos outros, Amanda Gurgel apresenta-se como responsável por denunciar a situação da educação potiguar, procurando, assim, propor soluções os problemas citados (*por falta de professor, por falta de merenda*). Ao final, conclui com uma expressão encapsuladora (CAVALCANTE, 2011), que retoma toda a sua fala: *É isso que eu quero dizer*.

## 6 Conclusões

Neste texto, tivemos a pretensão de descrevermos e analisarmos os *ethos* revelados no discurso da professora de Educação Básica do Estado do Rio Grande do Norte, Amanda Gurgel, que, ao pronunciar-se na Assembleia Legislativa do Estado, teve sua imagem divulgada em todo país, por causa da repercussão de sua fala. É possível observar, por meio de nossas análises, demonstram-nos que a professora utiliza, principalmente, a estratégia argumentativa de provocação, marca principal de seu discurso, que, do início ao fim, apresenta um tom crítico e agressivo, de revolta e insatisfação.

Além disso, vários *ethos* característicos de discursos políticos – porque, como justificamos anteriormente, este é um discurso político – são revelados na fala da professora. Destacamos, principalmente, os *ethos* de identificação, seriedade, humanidade e solidariedade, que são constituídos ao longo de todo o discurso. Percebemos ainda que alguns

tipos de *ethos* apresentados por Charaudeau (1996) não são revelados no discurso da professora, tais como o *ethos* referente à imagem de chefe, porque, em nenhum momento, Amanda se apresenta como superior aos seus colegas de profissão. Por outro lado, outros *ethos* que não são específicos do discurso político propriamente dito aparecem (*ethos* de inteligência) aparecem no discurso da professora.

Portanto, durante todo seu discurso, a professora procura construir a imagem de uma profissional ética, séria, íntegra, solidária, que não defende propriamente interesses individualizados, mas, de modo geral, está preocupada com as dificuldades encontradas diariamente pelos profissionais de educação em nosso país e pelos próprios alunos.

### Referências

AMOSSY, R. (Org.). **Imagens de si no discurso: a construção do ethos**. São Paulo: Contexto, 2008.

CAVALCANTE, M. M. **Referenciação: sobre coisas ditas e não ditas**. Fortaleza: Edições UFC, 2011.

CHARAUDEAU, P. **Discurso político**. São Paulo: Contexto, 2006.

DUCROT, O. Esboço de uma teoria polifônica da enunciação. In: \_\_\_\_\_. **O dizer e o dito**. Campinas, SP: Pontes, 1987.

\_\_\_\_\_. Argumentação e “Topoi” Argumentativos. In: GUIMARÃES, Elisa. **História e sentido na linguagem**. Campinas, SP: Pontes, 1989.

MAINGUENEAU, D. O *ethos*. In: \_\_\_\_\_. **Discurso literário**. São Paulo: Contexto, 2006, p. 266 – 290.

MEYER, M. **A unidade da retórica e seus componentes: *éthos*, *páthos*, *logos***. In: **A retórica**. São Paulo: Ática, 2007.

SOUZA, G. S. de. A argumentação nos discursos: questões conceituais. In: FREITAS, Alessandra Cardoso *et all* (Org.) **Linguagem, discurso e cultura: múltiplos objetos e abordagens**. Mossoró: Queima-Bucha/Edições UERN, 2008, p. 57-74.

\_\_\_\_\_; COSTA, R. L. da. O professor de Letras e o seu discurso: a constituição do ethos de professores do ensino superior. In. **Revista Letra Magna**. Ano 05. n.10. 2009.

PERELMAN, C; OLBRESCHTS – TYTECA. L. **Tratado de argumentação: a nova retórica**. Tradução de GALVÃO, M. E. A. P. 2 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

REBOUL, O. **Introdução à retórica**. Tradução de I. C. BENEDETTI. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

Data de recebimento: 05 de fevereiro de 2013.

Data de aceite: 12 de julho de 2013.